

“ONDE A AMAZÔNIA PRECISAR...”

Asp (CA) Douglas Tirre Carnevalle Oliveira

Eram 3 de janeiro de 2009 e o regresso estava previsto para as 18h. Cerca de metade de nós, ao todo vinte e um Aspirantes, já tinha se dirigido ao Distrito mais distante da Esquadra. Na cabeça, ainda restavam lembranças da recém-passada virada de ano e do breve período de férias. À frente, não sabíamos muito o que encontrar.

Semelhante a esse, certamente, foi o regresso de muitos outros Aspirantes da Instituição de Ensino Superior mais antiga do Brasil – a Escola Naval. Todo ano o Corpo Discente embarca nos meios da Marinha por todo o Brasil, adquirindo experiência prática importante na formação.

Assim que nosso grupo se reuniu, verificou-se a presença de todos e nos dirigimos ao voo direto que nos levaria a Manaus. Despedida dos familiares, ba-

gagem despachada e já estávamos na derrota para a capital amazônica.

A CAPITAL AMAZÔNICA

Voo tranquilo. Noite de sábado em Manaus. Fomos recebidos por um Segundo-Tenente da Flotilha do Amazonas, que nos conduziu à Estação Naval do Rio Negro (ENRN) e seus navios, onde iríamos nos alojar. Logo de início a longa distância Aeroporto-ENRN nos surpreendeu, indicando já o que iríamos comprovar nos dias que passaríamos na cidade – uma enorme capital.

Com uma extensão de 11.401,058 km² – equivalente a aproximadamente dez vezes o município do Rio de Janeiro, a área urbana da metrópole amazônica



foge completamente da ideia de uma mera cidade cravada no meio da floresta. Comércio bem desenvolvido, sendo um dos cinco municípios que mais crescem economicamente, com inúmeras ruas e praças, teatros, *shopping centers* e universidades. Trata-se de um grande centro urbano.

Destacam-se na cidade três grandes *shopping centers*: Manaus Plaza Shopping, Millenium Center e Amazonas Shopping, que em nada deixaram a desejar na mente habituada à realidade carioca dos jovens nautas. Por outro lado, a cidade não apresenta muitos edifícios residenciais e a população parece pequena frente à vastidão da paisagem urbana.

Manaus também acolhe como sede um dos braços de maior orgulho de nossas Forças militares, o Centro de Instrução de Guerra na Selva – CIGS, o qual

os Aspirantes da Marinha tiveram a oportunidade de conhecer.

Completando com ar de requinte e nobreza, herança do ciclo da borracha, a mundialmente conhecida capital amazônica ainda nos brinda com a elegância do Teatro Amazonas em companhia à bela arquitetura de outras construções do período.

A VIAGEM

Suspendemos na quarta-feira 07 de janeiro, com cerimônia de despedida no cais flutuante da Estação Naval. Alguns dos navios partiam para longas comissões e a já saudade da família marcou a despedida. Nosso grupo oriundo da Escola Naval agora ia se dispersar pela imensidão amazônica a bordo dos navios da flo-



lha, tanto de patrulha fluvial (P20 e P21) como de assistência hospitalar (U16, U18, U19).

Com destino final à cidade de Tabatinga, na fronteira Brasil-Colômbia, com sete Aspirantes a bordo, o NPaFlu P20 Pedro Teixeira seguiu subindo o Rio Negro acompanhado por seu irmão P21 Raposo Tavares. Nessa primeira pernada, já fomos premiados com imagens que só a nossa Amazônia poderia nos fornecer.

Afastado cerca de três milhas náuticas da ENRN, cruzamos o belo Encontro das Águas, eterna separação entre as barrentas águas do Rio Solimões e as escuras do Rio Negro. Seguimos pelo Solimões, onde novamente pudemos ter a satisfação de sermos cumprimentados pelos botos cinza e cor-de-rosa, ilustres personagens daquela região, e alcançamos na sexta-feira, dia 09 de janeiro, o porto de Coari.

A pernada seguinte teve início na manhã do dia 11, domingo, rumo à Tabatinga. No período, exercícios entre os navios foram realizados, como Leap Frog, Z-13-CC, ameaça aérea, Controle de Avarias (CAv) e operações aéreas – quando tivemos a oportunidade de voar a bordo do helicóptero Esquilo, do HU-3, embarcado.

Desembarcamos em Tabatinga no pôr do sol de sexta-feira, após duas belas atracções no estreito cais da fronteira brasileira. Quase no extremo oeste do país, passamos lá o fim de semana e partimos na manhã de segunda-feira.

Agora com velocidades bem superiores, devido à corrente a favor, iniciamos nosso retorno, reanimados pelo proveitoso período no porto. Fundeamos na quarta-feira, o que permitiu uma melhor condução das fainas a bordo e coleta de água com a ETT para análises laboratoriais. Nesse momento, também foi possível realizar um dos mais importantes serviços da Marinha nessa região: as assistências cívico-social e hospitalar (ACISO e ASSHOP).

Quando a quinta-feira chegou, já estávamos em nossa última cidade antes do regresso a capital Manaus, Tefé. Um detalhe especial deve ser ressaltado quanto ao “cais” para nossos navios de 63 m de comprimento. Trata-se de dois troncos de grande calibre presos por cabos entre si e ligados à margem. Com baixíssimas profundidades no entorno, esse é o canal de acesso ao “porto de Tefé”.

Gozados os dias no chão, partimos na tarde de sábado para a derradeira derrota de volta à Estação Naval, com já 16 dias de afastamento das famílias.

Mais uma vez cruzando o Encontro das Águas, agora no sentido contrário, pegamos de volta o Rio Negro no alvorecer da segunda-feira do dia 26. Apesar do desgaste inerente ao período de comissão, a satisfação e o orgulho brilhavam dentro dos corações dos jovens Sentinelas dos Mares, e assim foram passadas as espias de retorno a Manaus.

A FRONTEIRA BRASIL-COLÔMBIA

O ponto final da derrota dos Navios-Patrulha Fluvial Pedro Teixeira e Raposo Tavares era a atracção no cais próximo à Capitania dos Portos de Tabatinga. Cidade fronteira com a Colômbia, Tabatinga é um pequeno centro urbano em meio à Floresta Amazônica, situado no alto Solimões em sua margem esquerda. Com pouco mais de 47 mil habitantes e 3.239,3 km² de extensão, a desorganizada cidade vive de um pequeno comércio e de prestação de serviços, sendo conhecida por ser visada pelo narcotráfico e ser insegura. A cidade dispõe de apenas um hospital e a organização policial é precária.

Sua vizinha colombiana é a cidade de Letícia. Com grande fluxo de brasileiros e colombianos entre as cidades, o Real e o Peso Colombiano se misturam nas



transações junto a um “portunhol” característico. Letícia é a capital do Departamento de Amazonas e importante porto fluvial para Brasil e Peru.

Desembarcando em Tabatinga, nossos Aspirantes, agora parte da tripulação dos navios-patrolha fluvial, puderam cruzar a fronteira e vivenciar diferentes hábitos, cultura, modo de vida e idioma: trata-se de um outro país. Além disso, o comércio isento de impostos colombianos de Letícia é um excelente atrativo para a compra de perfumes importados e equipamentos eletrônicos. A culinária é marcada por fortes temperos.

A ESTRUTURA DA MARINHA NA AMAZÔNIA OCIDENTAL

Com extensão contínua que lhe confere o título de maior floresta tropical do mundo e com uma biodiversidade que até o presente não se pode mensurar, a Floresta Amazônica reveste-se de importância e destaque no cenário internacional.

Visando assegurar os interesses do Império nessa estratégica região, a presença efetiva da Marinha na Amazônia Ocidental remonta ao período de D. Pedro II, estando relacionada aos compromissos entre nações assumidos pelo Brasil quanto à navegação do rio Amazonas. E até os presentes dias nossa permanência se faz a fim de proteger e assistir a região, além de assegurar a inviolabilidade das nossas fronteiras.

A estrutura da Marinha do Brasil na Amazônia Ocidental é encabeçada pelo Comando do 9º Distrito Naval, o qual executa e apoia operações navais, aeronavais e de fuzileiros navais. Este possui como organizações subordinadas duas Capitânicas Fluviais sediadas em Manaus e Tabatinga, uma Delegacia em Porto Velho e seis Agências espalhadas por pouco mais de dois milhões de quilômetros quadrados do Distrito, um Depósito Naval, uma Estação Naval do Rio Negro

e o 3º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral (HU-3.) Completando sua subordinação, responsável pelas operações do distrito mais operativo da Marinha, temos o Comando da Flotilha do Amazonas.

A Flotilha tem sua sede no Rio Negro, na Estação Naval, e é composta por oito navios, quais sejam: NPaFlu P20 Pedro Teixeira, NPaFlu P21 Raposo Tavares, NPaFlu P30 Roraima, NPaFlu P31 Rondônia, NPaFlu P32 Amapá, NAsH U16 Doutor Montenegro, NAsH U18 Oswaldo Cruz e NAsH U19 Carlos Chagas.

Apoiados pela Estação Naval, que dispõe de vila militar, clube de praças, agências bancárias, policlínica e um dique flutuante, os navios da flotilha cobrem os principais rios de nossa bacia amazônica, chegando a alcançar os estados do Acre e Amapá, isso sem mencionar as águas estrangeiras nas quais opera na BraColPer, exercício entre as Marinhas do Brasil, da Colômbia e do Peru.

Entretanto, mesmo com a constante expansão dos limites de alcance de nossos navios pelos rios e o considerável número de meios navais de que lá dispomos (nossa Esquadra possui 9 fragatas, somente um navio a mais que a Flotilha), a maior floresta tropical do mundo continua um gigante pouco conhecido. Este gigante consiste numa área de importância estratégica para nossa nação. Dessa forma, tornam-se necessários nessa região investimentos que abranjam operações ribeirinhas de fuzileiros navais, operações aeronavais (HU-3) e, sobretudo, navios para levantamento de dados, assistências hospitalares e patrulha fluvial em toda sua extensão.

A MARINHA E A REALIDADE AMAZÔNICA

Uma inegável contribuição da Marinha ao povo brasileiro – e que torna ainda mais única sua missão



– dá-se por meio de sua presença na infinitude amazônica, nos confins do pulmão da humanidade. Abrangendo 25,7% do território nacional, a Amazônia Ocidental apresenta em sua extensão uma realidade com traços bastante peculiares se comparada ao restante do Brasil.

No decorrer de nosso estágio de verão, passamos por cidades e comunidades nas margens dos rios amazônicos, que abrigam desde algumas poucas casas até vários milhares de habitantes. Com escassa disponibilidade de hospitais e escolas, até mesmo nos maiores centros, e tendo o rio como único meio viável de acesso (não há rodovias para comunicação), as dificuldades enfrentadas por nossos compatriotas em meio à floresta amazônica parecem se multiplicar.

“A Marinha presta atendimento médico-hospitalar às populações ribeirinhas, levando remédios, mantimentos e conforto às dores desses brasileiros tão carentes.”

Assim, num cenário em que o meio fluvial é o leito sobre o qual se apoia a vida da região, sendo quase que exclusiva via para mantimentos, remédios, transporte de pessoas e carga e para tudo o mais que atenda

a vida dos ribeirinhos, os serviços de segurança à navegação e sua garantia, prestados pela Marinha do Brasil, são de ordem fundamental.

Ministrando cursos sobre temas profissionais marítimos e exercendo fiscalização através de suas Inspeções Navais, a Capitania Fluvial da Amazônia Ocidental é um braço do governo na região que regula, doutrina e garante a boa condução do dia a dia nas hidrovias amazônicas.

Além desse fato, a Marinha se faz presente nos auxílios e nas assistências aos brasileiros imersos no

verde da mata equatorial, onde nem remédios, nem alimentos, nem Estado poderiam chegar. Por meio das ASSHOP e ACISO realizadas pelos navios da flotilha – especialmente os “Navios da Esperança” –, a Marinha presta atendimento médico-hospitalar às populações ribeirinhas, levando remédios, mantimentos e conforto às dores desses brasileiros tão carentes.

Através desses atendimentos, a Marinha se presta duplamente à nação. Em primeiro ponto por atender e aliviar a precariedade existente na vida desse povo amazônico; e em segundo momento ao levar a presença do Estado brasileiro a pontos onde se chegaria a ficar na dúvida se ainda se trata de Brasil.

Cercadas pela vastidão da floresta equatorial e distantes muitas milhas da cidade mais próxima, muitas comunidades se veem inteiramente isoladas e alheias ao resto do país do samba e do futebol. Valendo-se disso, estrangeiros se aproximam desses grupos através de alimentos ou atendimentos de saúde a fim de atraí-los aos interesses de seus países.

Em cima desse contexto, os atendimentos que a Marinha presta aos povos ribeirinhos da Amazônia se inserem como importante mecanismo na política estra-

tégica nacional no que tange à integridade do território, uma vez que a identificação dos cidadãos com sua pátria é vital para sua defesa e manutenção. Sem tocar em armas, os NAsH (Navios de Assistência Hospitalar) nutrem de patriotismo o coração dos ribeirinhos, sentimento principal na defesa da pátria.

CONCLUSÃO

Maior floresta tropical do mundo e com uma biodiversidade sem igual, é inquestionável a importância do território amazônico para um país que pretende se afirmar em meio às potências globais. Fonte de desconhecidos recursos de fauna, flora e minérios, que totalizam quase um terço de toda a extensão do gigantesco Brasil, os benefícios escondidos em meio às suas matas equatoriais não podem ser desprezados.

Entretanto, sem efetivos patrulhamentos e pesquisas em sua extensão, esse precioso bem natural se perderá, o que faz recair sobre a Marinha um importante papel na preservação dos interesses nacionais. E é através de seus navios de patrulha e de assistência





hospitalar, componentes da Flotilha do Amazonas, que ela se faz presente.

Seja por meio da fiscalização e regulamentação realizadas por suas Capitânicas Fluviais, seja pelas Patrulhas e Inspeções Navais apoiadas pelos fuzileiros navais e meios aeronavais ou pelas ações de assistência aos povos ribeirinhos, a Marinha assume há séculos o principal papel no cenário amazônico.

Rios e seus numerosos afluentes precisam ser controlados e regulados. Vastos recursos devem ser explorados e protegidos. Brasileiros em meio à densa mata precisam sentir-se parte de nossa nação. O Brasil precisa de sua Marinha. E como já dizia em seu lema o próprio Boto Guerreiro – P20 Pedro Teixeira: “Onde a Amazônia precisar, o Boto vai chegar!”.

Viva a Marinha.